

**“MEU SENTIR E MEU PENSAR NÃO OS COMPREENDE NINGUÉM:
PORQUE TAMBÉM A NINGUÉM OS REVELO”:** UM OLHAR SOBRE OS
ESCRITOS AUTOBIOGRÁFICOS DE MARIA FIRMINA DOS REIS

Natália Lopes de Souza
Mestranda no Programa de Pós-graduação em História
Universidade Federal de Juiz de Fora
naty.lopes94@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho pretende analisar os registros deixados pela poetisa e escritora maranhense Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917), intitulado *Álbum* (1853 – 1901). Tal produção, foi compilada pelo seu biógrafo José Nascimento Morais Filho em 1975. Estes escritos, alguns deles autobiográficos, vislumbravam a intimidade desta mulher maranhense. Pretende-se, com este compilado de informações, entender a vida privada de Maria Firmina dos Reis, mulher negra na sociedade maranhense do século XIX. Partimos de uma noção de fonte histórica para pensar o *Álbum*, que carrega a subjetividade e intencionalidade da autora. Assim, através da experiência negra de Maria Firmina dos Reis, buscaremos entender temas relacionados à discriminação racial e silenciamento destas questões. Pretende-se também, analisar trechos vislumbrando o cotidiano e a vida privada da sociedade maranhense. Portanto, a fonte ao qual nos debruçamos se coloca como fonte essencial para o entendimento de aspectos da vida privada de Maria Firmina dos Reis.

Palavras-Chave: Maria Firmina dos Reis; *Álbum*; intencionalidade;

1. Introdução

O álbum é o livro da alma; é nele que estampamos os nossos mais íntimos sentimentos, os nossos mais extremos afetos; assim como as mais pungentes dores de nossos corações. (REIS *apud* MORAIS FILHO. 1975, s/p).¹

A presente citação, já evidencia que a fonte de pesquisa que nos debruçaremos se trata de um compilado de fragmentos, intitulado *Álbum*. Este, foi escrito por Maria Firmina dos Reis, poetisa e professora maranhense do século XIX. Trata-se de fragmentos, escritos ao longo de sua vida, e que foram agrupados e publicados na biografia *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida* de José Nascimento Morais Filho.²

Na citação acima, já percebemos que encontraremos escritos a respeito da intimidade desta mulher no oitocentos, bem como ter um vislumbre do mundo que ela estava inserida. O conteúdo encontrado no *Álbum* transita pelo campo da memória, onde há trechos que a autora descreve eventos de sua vida, além de perpassar pelo campo autobiográfico, visto que descreve a si mesma. Sobre este conteúdo, ele possui uma voz unilateral carregada de ressignificações e intencionalidades. Ou seja, seus escritos precisam ser analisados sem perder de vista as nuances de esquecimento e intencionalidade.

Tal análise, se torna interessante pois se centra em uma fonte que não foi publicada por Maria Firmina dos Reis. Esta, que nasceu no dia 11 de março de 1822 em São Luís no Maranhão. Filha de Leonor Fillippa dos Reis, mulata forra³. Aos cinco anos de idade mudou-se para Villa de Guimarães onde permaneceria até sua morte em 11 de novembro de 1917, aos 95 anos. Ela foi professora pública de primeiras letras até 1881, ano em que se aposentou. Se tornou poetisa e escritora, atuando na imprensa maranhense e publicando

¹ Grafia atualizada.

² Os trechos pertencentes ao *Álbum*, possuem caráter fa-similar. Ver mais em: MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina dos Reis: Fragmentos de uma vida*. São Luís: governo do Estado do Maranhão, 1975.

³ Os dados a respeito do batizado e do Auto de justificação de nascimento se encontram no Arquivo Público do Estado do Maranhão. Ver mais em: APEM. Autos de justificação de nascimento de Maria Firmina dos Reis. Fundo da Arquidiocese do Maranhão, caixa nº114, documento nº4171, 1847.

romances, contos e poesias em diversos jornais. Desde o romance *Úrsula*, publicado em 1859, adentrou o espaço público da imprensa atuando até a virada para o século XX.⁴

O Álbum de Maria Firmina dos Reis, evidencia ao longo do seu conteúdo uma certa intencionalidade. Esta característica não foi exclusiva de seu trabalho, outros escritos autobiográficos, escondem intenções subjetivas, pois, não há relato livre de desejo, de imaginação, é o que nos diz Raymond Williams (WILLIAMS. 1984, p. 3). Podemos perceber a seletividade no Álbum, através do seguinte trecho: “Aqui neste livro íntimo [...] a quem tenho confiado os mais ardentes e os mais profundos sentimentos de minha alma” (REIS, *apud* MORAIS FILHO. 1975, s/p). Deste modo, ela transcreveu apenas eventos e pessoas que de alguma maneira marcaram sua vida.

Entendemos aqui, que os escritos produzidos por Maria Firmina dos Reis, assumiram algumas características de diário. Porém, notamos ao longo de suas passagens, trechos que não se encaixam em tal modelo. Partindo disso, buscaremos pensar no seu Álbum, como Neves e Pinto (2012, p. 1) propõem, como uma fonte de informações que dizem respeito à uma realidade externa aos textos, tal qual os diários. Porém levando em conta suas especificidades. Uma vez que esses artefatos visam à semelhança com o verdadeiro, ou seja, a partir dos escritos poderemos vislumbrar a intimidade e as sociabilidades de Maria Firmina.

Transformados em fonte pelo olhar do pesquisador, os diários assumem importância enquanto percepção de uma realidade, mesmo que marcada pela subjetividade. Segundo Pinsk e Luca (2009, p. 316), os diários pessoais de uma forma geral, foram por muito tempo desconsiderados pelos historiadores. Contudo, a partir da década de 1980, a partir de uma revalorização do indivíduo, tal realidade muda visivelmente, tornando os diários documentos valiosos para a compreensão de vidas cotidianas de determinada época.

O Álbum se encaixava naquilo que já vinha acontecendo no século XIX, práticas de escrita na esfera doméstica. E tais fontes podem ser problematizadas, sobretudo as subjetividades presentes nos registros deixados. Além disso, problematizar o Álbum, enquanto documento que nos permite acesso à aspectos da vida privada, nos permitirá

⁴ Através da imprensa periódica percebemos sua colaboração com poesias, charadas e logogrfos até o ano de 1908.

adentar um pouco mais na vivência de Maria Firmina dos Reis na sociedade maranhense do século XIX. Deste modo, a proposta deste trabalho se centra os conteúdos autobiográficos e nos trechos descritos por Reis, realizando uma leitura atenta das entrelinhas, que nos dizem muito mais daquilo que está diretamente no texto. Esta análise, nos permitirá entender a experiência desta mulher na sociedade maranhense oitocentista.

2. Por dentro do Álbum

Como escritora, poetisa e professora, Maria Firmina dos Reis deixou incontáveis textos, e um deles como já mencionamos foi seu Álbum. Para esta autora, seu Álbum era “as páginas da alma escritas ora com sangue, outra hora com lágrimas; nunca animadas por benéfico sorriso. Amor ou desesperança – saudade ou dor, eis o que ele significa” (REIS *apud* MORAIS FILHO. 1975, s/p). Assumia para ela, um espaço para se registrar em forma de texto ou poesia, eventos que marcaram sua vida. Além disso, reuniria “o nomes daquelas pessoas que nos são gratas, que nos inspiram simpatia que nos cobram sincera amizade deve escrever-se aqui.” (REIS *apud* MORAIS FILHO. 1975, s/p). A intenção era de apresentar ao leitor pessoas e ocasiões consideradas importantes para a autora.

Sobre a estrutura, notamos a existência de 30 páginas escritas por Maria Firmina dos Reis, organizada por dia. Segundo Luiza Lobo “o Álbum parece ter forma originalmente entrecortada, descontínua, parecendo apresentar páginas perdidas”. (LOBO. 1993, p. 230). De fato, é desta forma que o agrupamento de trechos se apresenta, tendo alguns trechos desconexos. Além disso, Morais Filho nos informa que durante seu esforço de reunir os textos de Reis, o filho adotivo de Maria Firmina, Leude Guimarães, teria sido roubado e, páginas dos escritos dessa mulher maranhense teriam sido levados.⁵

Contudo, mesmo que apresente páginas perdidas e lacunas temporais, podemos “aproveitar as informações esparsas por ele fornecidas, ou ainda ler nas entrelinhas os silêncios impostos ao texto por seu autor, para complementar as fontes oficiais ou não, e assim de algum modo responder às suas indagações sobre o passado” (MOREIRA. 1996,

⁵ As informações a respeito do roubo, estão explicadas na biografia produzida por José Nascimento Morais Filho.

p. 183). Além de buscar uma percepção através de Maria Firmina de uma realidade vivenciada por ela.

Existe no Álbum, uma lacuna de dois anos (1870 – 1872). Tal momento é informado por Maria Firmina. Entretanto, ela não nos informa as causas de tal afastamento da escrita, “Há dois anos que te abandonei meu pobre álbum. Por quê? Não te direi hoje [...] Sou uma desditosa escrava da sorte, uma mísera poetisa [...] Não te posso cantar: guardo, porém, a tua lembrança” (REIS *apud* MORAIS FILHO. 1975, s/p). Esta passagem deixa claro a intencionalidade de informar seu afastamento da escrita, mas não explicitou as causas desse afastamento. Fora esse período, não apareceu outras lacunas grandes em seus fragmentos.

Os primeiros escritos de Maria Firmina dos Reis datam de 9 de janeiro de 1853 com a poesia *Uma lágrima sobre o túmulo*⁶. Neste poema, a autora expôs nas páginas o sentimento de perda, advindos da morte de sua mãe. Seus fragmentos encerram-se em 11 de setembro de 1903, com um fragmento sobre sua chegada de Pará para Guimarães. Deste modo, percebemos a utilização de poemas e de fragmentos corriqueiros de sua vida privada ao longo de todos os anos. Isto, evidencia uma maneira meio livre de realizar seus registros, prática encontrada em diários (MOREIRA, 1996, p. 183).

Essa forma de organização livre, nos leva a aproximar o Álbum de Maria Firmina dos Reis com a forma organizacional dos diários. Entretanto em alguns trechos, o referido assume características específicas, que precisam ser levadas em consideração. O argumento utilizado por Maria Firmina deixa claro toda o cerne de sua produção privada, uma produção carregada de intencionalidade onde apenas compartilhou fatos e informações carregadas de desejo e seletividade.

Baseado nisso, seu Álbum conta com um conteúdo que abarca informações autobiográficas, fragmentos de passagens sobre a sua vida privada, poesias sobre eventos ou pessoas próximas, além de trechos informando sobre a morte de algumas pessoas. Tudo isto reforça o caráter seletivo de sua escrita, bem como a intencionalidade de expor ao público leitor, trechos de situações e pessoas que fizeram parte de sua vida.

⁶ Não sabemos ao certo se esta foi uma das primeiras coisas escritas por ela, mas na biografia a seu respeito, Moraes Filho nos mostra essa, como sendo a primeira publicação do Álbum.

2.1 Um olhar par si

O Álbum como um todo, nos mostra resquícios de uma vida no Maranhão Oitocentista. É também, um espaço dedicado ao exercício da escrita através do olhar de quem escreve. Pensando nisso, o Álbum, enquanto documento intencionalmente produzido, nos permite ter acesso a informações a respeito de uma vida privada. Além disso, Maria Firmina traçou em seu texto, uma descrição sobre si mesma, o que nos permite ter acesso a uma representação sobre si.

Em junho de 1863, produziu um texto autobiográfico intitulado *Resumo de minha vida*. Este registro foi dividido em três seções, e nelas, Maria Firmina narra a si mesmo. Informa ao leitor, características físicas bem como fragmentos de sua infância e adolescência, representando a si mesmo para o leitor. Sobre isso, Luca e Pinsky (2009, p. 320) nos informam que estes são meios privilegiados de acesso a atitudes e representações do sujeito. Deste modo, ao descrever a si própria, nos permite entender o olhar de Maria Firmina sobre si mesma. No trecho abaixo lemos:

De uma compleição débil, e acanhada, eu não podia deixar de ser uma criatura frágil, tímida, e por consequência melancólica: uma espécie de educação freirática, veio dar remate a estas disposições naturais. Encerrada na casa materna, eu só conhecia o céu, as estrelas, e as flores” (REIS *apud* MORAIS FILHO. 1975: s/p).

Ao nos depararmos com esta descrição, Maria Firmina dos Reis evidenciou traços sobre si que queria destacar em seu texto, enfatizando a fragilidade e melancolia. Mostrou também ao leitor, como se deu sua infância e sua educação. Além disso, afirmou que sempre viveu na casa da avó materna, o que mostra sua circulação apenas no ambiente doméstico. Estas características ditas por Maria Firmina, ajudam a montar o ambiente de sua infância. Através deste texto, temos uma percepção de com quais pessoas ela vivia e se obteve algum tipo de educação.

Ainda no *Resumo de minha vida*, Reis nos diz “Vida! Bem penosa me tens sido Tu! [...] eu não aborreço os homens, nem o mundo, mas há horas, e dias inteiros, que, aborreço a mim própria” (REIS *apud* MORAIS FILHO. 1975, s/p). Neste ponto, a autora procurou enfatizar as agruras de sua vida, além de deixar claro que não aborrece ninguém sobre seus sofrimentos. Destacamos aqui, que muito desse sofrimento pode estar relacionado com seu trabalho pois, Maria Firmina dos Reis não fazia parte da elite

maranhense, ela vivia de seu salário. E estes fatores, podem ter contribuído para que ela considerasse sua vida como penosa.

Em outro trecho, lemos: “Que me resta pois? Uma mãe querida e terna, uma irmã desvelada e carinhosa. Ajudada por elas arrastarei o peso desta existência até despenhar-se na sepultura” (REIS *apud* MORAIS FILHO. 1975, s/p). Aqui fica nítido também uma reafirmação a respeito de uma vida difícil. Além disso, trouxe também outros fragmentos que nos permitem entender a vida privada de Maria Firmina. A partir de seu texto, ficamos sabendo que compartilhava a casa com sua mãe e sua irmã, Amália Augusta dos Reis. Este trecho, nos ajuda a entender o núcleo familiar da autora aqui estudada. Visto que os escritos autobiográficos são textos referenciais, pois eles se propõem a fornecer informações a respeito de uma “realidade” externa ao texto (LEJEUNE. 2008, p. 36).

Em todo o texto *Resumo de minha vida*, Maria Firmina vai relatando momentos de sua infância e adolescência, que de certo modo a moldaram. Ela evidenciou momentos específicos de sua vida, demonstrando ao leitor trechos de momentos que ela quis compartilhar. Estes trechos assumem a posição de uma realidade experimentada por Reis.

2.2 “No Álbum da Exm^a Snr^a D. M. F. R”

Como já mencionamos, há variadas especificidades presentes no Álbum. E algumas se apresentam na forma de intervenções. Deste modo, encontramos alguns poemas escritos por outras pessoas presentes no Álbum de Maria Firmina dos Reis. E, isto reforça que tais textos selecionados por ela, partiram de seu desejo de compartilhar com o seu leitor. Destacamos a existência de três intervenções diferentes, todas elas realizadas por vozes masculinas.

A primeira interposição diz respeito a um poema dedicado a Maria Firmina dos Reis intitulado *Uma saudade - No álbum da Exm^a Snr^a D.M.F.R*, sem data. De acordo com as informações contidas no Álbum e na biografia de José Nascimento Moraes Filho, este poema foi escrito por Raimundo Marcos Cordeiro, um amigo da família. No poema lemos:

Nestas Folhas perfumadas,
Pelas rosas desfolhadas
Dos teus cantos de amizade,
Deixo um – adeus magoado,

Todo de pranto banhado,
No teu álbum, -uma saudade! (REIS *apud* MORAIS FILHO. 1975, s/p).

Luiza Lobo em *Auto-Retrato de uma pioneira abolicionista*, nos diz que esse poema revela “toda a reverência respeitosa por alguém cujo amor seria impossível, quer pela classe social, quer pela raça, quer pela idade” (LOBO. 1993, p. 234). Contudo, não temos como dizer baseado apenas no Álbum, que de fato algo existiu algo entre os dois.

Outro poema, intitulado *A mocidade – a minha Mamaia M. F. dos Reis*, pertence a Oton F. Sá, datado de 20 de novembro de 1903. Oton, baseado nas informações encontradas no Álbum era considerado um filho adotivo por Maria Firmina. Isto fica claro também no título dado ao poema. No trecho abaixo encontramos o seguinte trecho,

Vós sois a sá lembrança dos júbilos passados,
Daqueles que a velhice cobriu com seus palores.
E galgam com os folgedos, ridentes, perfumados, de vossa mocidade repleta
de esplendores (REIS MORAIS FILHO. 1975, s/p).

Há uma exaltação e rememoração de Oton, em relação a vida de Maria Firmina dos Reis, notamos também certo orgulho por parte do autor do poema. Tal texto, nos ajuda a pensar a vida de Maria Firmina por outros olhares, pautados nas pessoas que estão ao seu redor e, de como sua caminhada, principalmente para o autor é digna de orgulho.

Por fim, a última intervenção no Álbum de Maria Firmina dos Reis, pertence a Plautino Lima. Através dos escritos deixados, não temos como saber a relação do mesmo com Maria Firmina. Entretanto, seu poema difere dos outros porque aparece publicado no *Diário do Maranhão*, no dia 22 de junho de 1893. No poema, lê-se:

Que mais quereis então, Senhora? Que pedis?
no vosso belo álbum tão rico de fulgor
Quereis por entre o brilho de tão mimosas pérolas,
Eu deite ousadamente a mais humilde flor? (REIS MORAIS FILHO. 1975, s/p).

É interessante pensar, que neste poema vemos um elogio ao Álbum. Este fato, nos permite pensar que tal registro não se encaixava totalmente na descrição de um documento privado, pois, ao que tudo indica, algumas pessoas tinham o conhecimento da existência dele. E, ajudaram de certa forma a compor o Álbum trazendo contribuições próprias acerca da vida de Maria Firmina dos Reis. E tal hipótese, ajuda no entendimento da escrita de Reis referente a leituras posteriores por outras pessoas de seus registros. Este fato, também se comprova em outro, do ano de 1874. Neste fragmento, podemos ler:

“Mas, se o meu álbum, em algum dia, depois de minha morte, puder merecer a atenção de alguém ele levará a posteridade o nome de uma pessoa estimável como era Vicente Cabral” (REIS *apud* MORAIS FILHO, 1975, s/p). Neste ponto, a autora infere novamente a hipótese de uma leitura posterior de seu Álbum. Essas considerações nos fazem pensar que o Álbum pode ter sido um documento produzido baseado nestas intenções.

Percebemos, que nos escritos deixados por Maria Firmina, as intervenções encontradas evidenciam pessoas que fizeram parte de sua vida. Além de nos mostrar a importância que tais escritos tiveram, pois, foram escolhidos para fazer parte deste registro deixado por ela. Além disso, o Álbum extrapola sua estrutura, se tornando uma fonte que nos ajuda a ter uma percepção da história que Maria Firmina dos Reis deseja contar.

3. Fragmentos de uma vida privada no Álbum

Pode-se notar, que os registros deixados por Maria Firmina dos Reis dizem respeito a variados assuntos que compõem e perpassam a vida desta poetisa maranhense. E, através dele, podemos problematizar a sociedade ao qual esta autora estava inserida, e mais ainda, como era enxergada por ela. Pensando nessa circulação e sociabilidade de Maria Firmina, no texto *O que é a vida?* de junho de 1873, Reis nos deu um vislumbre da sociedade ao qual ela estava inserida nos mostrando um cenário de festas e costumes locais.

O que é a vida? Será acaso a vida o respirar, o sorrir no trocar de cumprimentos banais e quantas vezes frívolos...o banquetear com aparatosa regularidade, com suntuoso luxo dos amigos [...]Ou será então o deslumbrante, e sedutor aspecto de um salão dourado, [...] Ou será a vaidade satisfeita pela posse de um rosto que a natureza adornou com a perfeita formosura dos anjos. (REIS *apud* MORAIS FILHO, 1975, s/p).

Ao narrar este trecho, questiona se a vida seria apenas isso. Ao misturar o público e o privado, discorre sobre o exterior e sobre os lugares em que a autora circula, o que inclui lugares luxuosos. Além disso, nos mostrou nuances dos comportamentos sociais e regras de boas maneiras, que apresentam uma imagem de si controladoras da espontaneidade e da revelação da intimidade, remetendo para o jogo sutil entre o público e o privado, entre o íntimo e o ostensivo. (LUCA, PINSKY, 2009, p. 320).

É interessante notar ainda que no texto *Lágrimas num baile* de 1873, Firmina dos Reis dizia que participava de uma reunião. E ao descrevê-la, captamos segmentos sociais construídos por Maria Firmina. Além de perceber os lugares sociais ao qual fazia parte.

Ontem eu assistia uma pequena, mas bem animada reunião. Valsavam os pares alegres, e risonhos: mas no fundo dos corações, quanto fel, quanta amargura! A máscara do rosto, quantas vezes encobre um vértice de dores, e de desesperanças (REIS *apud* MORAIS FILHO, 1975, s/p).

Esse trecho, escrito por Firmina dos Reis, aparece como uma representação da sociedade, uma sociedade envolta em máscaras. Relata também um costume do período, principalmente de pessoas mais abastadas, regadas à suntuosidade. E o fato de Maria Firmina, professora pública participar destes ambientes, reforça a consolidação de sua imagem na sociedade e na imprensa como uma Mulher de Letras, e o prestígio social adquirido.

Ao longo destes trechos, visualizamos alguns aspectos do cotidiano maranhense pelo olhar de Maria Firmina. Fica claro, que ela circulava por inúmeros espaços de sociabilidades, visto que enquanto professora pública, e não pertencente a elite transitava por estes espaços. Além disso, os fragmentos destacados nos permitem visualizar os laços desta autora, bem como os costumes e comportamentos sociais representados por ela na segunda metade do século XIX.

3.1 “A todos os meus filhos, amo-os”: Experiência de maternidade de Maria Firmina dos Reis

As mulheres no século XIX, eram construídas como amorosas, dedicadas e cuidadosas, educadoras, resignadas e abnegadas (MOREIRA. 2002, p. 286). As mulheres cresciam com a ideia de maternidade tida como a função social da mulher, porém, da mulher que não era escravizada. Estas, eram interdidas de exercerem sua própria maternidade (SILVA. 2018, p. 247). Segundo Patrícia Hill Collins (2000), a capacidade reprodutiva do corpo da mulher negra foi fundamental para a gênese e manutenção do capitalismo moderno. E as mulheres escravizadas eram administradas como mercadorias. Portanto neste contexto, exercer a maternidade era uma dura tarefa para as mulheres negras.

Na sociedade em que ser mãe era esperado para as mulheres, Maria Firmina dos Reis não teve filhos biológicos. Ela obteve experiências maternas através de filhos de “consideração”, aqueles em que amava e considerava como seus. Sua primeira experiência de maternidade se deu por volta de 1862/1863. Em seu Álbum, destacou para o leitor este momento de sua vida, onde receberia uma criança para cuidar. “Renato – creio que assim se chamará o pequeno órfão que recebi” (REIS *apud* MORAIS FILHO, 1975, s/p). Essa primeira vivência acabaria muito cedo, pois, logo depois encontramos o seguinte fragmento:

Renato! Renato, meu filho adotivo, meu pobre anjinho, já não existes! Que fatalidade, meu Deus! É duro ver-se morrer aquela a quem se dedica afeição quase materna. [...] Perdoai-me senhor: mas me criaste tão fraca, tão sensível a dor!! Saudades (REIS *apud* MORAIS FILHO, 1975, s/p).

Aqui vemos Maria Firmina relatar o impacto que a presença deste bebê teve em sua vida, deixando uma marca de uma relação de maternidade. Sobre estas noções, Moreira nos fala que diferentes grupos e camadas sociais manifestavam de maneira particular o conhecimento das noções de maternidade, ora confirmando-os, ora transgredindo-as para dar espaço a novas construções (MOREIRA, 2002, p. 286). Deste modo, mesmo não tendo confirmado a maternidade através do casamento, Maria Firmina dos Reis vivenciou tais momentos, e, estes à marcaram ao ponto de escolher compartilhá-los em seu Álbum.

Em outras passagens do Álbum, Maria Firmina mencionou o nascimento de outras crianças há quem considerava filhos. Como o nascimento de Leude em 12 outubro de 1883, Vanda, Zuzu, Oton que nasceram em 1887. Além desses filhos de criação, a autora mencionou em 3 de fevereiro de 1864, que foi madrinha de uma menina chamada Maria. Ela era filha de sua amiga Guilhermina, escrava materna de sua tia. Tal ato amplia o laço parental entre as duas através do compadrio. Segundo Gisele Quirino “o compadrio não é necessariamente uma relação entre iguais, expressa a hierarquia social, mas também pode diminuir as distâncias dos que nele se encontram ligados.” (2010, p. 1). Deste modo, o apadrinhamento de Maria além de reforçar os laços de reciprocidade entre Maria Firmina e Guilhermina⁷, pode ter gerado também, uma experiência maternal.

⁷ De acordo com o Álbum, Maria Firmina dos Reis e Guilhermina eram amigas próximas. Sendo que a primeira dedicou à Guilhermina um poema em ocasião da sua morte.

Outro caso de apadrinhamento, segundo o Álbum, ocorreu em 25 junho de 1878. Porém, neste caso, Maria Firmina dos Reis foi madrinha de casamento. No trecho lê-se: “Casou os afilhados D Amélia dos Santos Cordeiro com Jerônimo H. F. Cordeiro.” (REIS *apud* MORAIS FILHO. 1975, s/p). Franco nos diz que há um “componente de dominação existente nos laços entre padrinho e afilhado” (1983, p.79). Essa dominação geraria uma hierarquia entre os envolvidos. Neste ponto, notamos que tal hierarquia poderia ser aplicada as relações de apadrinhamento de Maria Firmina, contudo, ela provavelmente não definiria o relacionamento deles. Pois, se estavam destacados no Álbum, adquiriam importância para a autora.

Deste modo, percebemos que estas menções as relações de apadrinhamento realizadas por Maria Firmina, de certo modo a fizeram experimentar a maternidade, mesmo que de modo não tradicional como o legitimado socialmente. E tais relações foram importantes para a autora aqui abordada pois, ela decidiu destacá-las em seus registros pessoais.

3.2 Questões raciais presentes no Álbum

Como já mencionamos, Maria Firmina dos Reis era uma mulher negra, em uma sociedade marcada pela escravidão. Mesmo tendo circulado por espaços luxuosos e convivendo com pessoas da elite, mantinha relações também com escravizados e libertos, possuía amigos e redes de sociabilidades com eles. Leudjane Diniz, afirma que “aos libertos ou nascidos livres, carregar as marcas da cor da escravidão significava, mesmo não sendo eles cativos, continuar sofrendo os estigmas da escravidão” (DINIZ. 2015, p. 439). Portanto, enquanto mulher negra, provavelmente deve ter passado por situações que de algum modo levaram-na a enfrentar estes estigmas.

Em seu Álbum, por outro lado, poucas são menções às questões raciais. Encontra-se certa sutileza ao tratar destas questões. No poema de 1872, Maria Firmina escreveu: “[...] Sim, eu sou a lua, se Deus negou-me dela a beleza, o nítido albor, e o magnifico esplendor de formosura deu-me uma melancolia, sua palidez; [...] cismando como ela, á noite, meditando saudades, e tristezas como ela medita [...]” (REIS *apud* MORAIS FILHO. 1875: s/p). Percebe-se na escrita de Maria Firmina, traços de sua subjetividade ao afirmar

que Deus negou dela a beleza e o albor,⁸ ou seja, ela diferia da lua por não ser branca. Reis não negou sua cor de pele, contudo a colocou em posição contrária à da beleza onde o albor se encaixava enquanto belo.

Essa ideia parte de uma hegemonia da “branquitude”, que segundo Carneiro (2002, p.74), instituiu a mulher negra como a antimusa da sociedade brasileira, deu-lhe uma acentuada desvantagem, principalmente, no mercado afetivo, o que caracteriza uma situação de solidão estrutural motivada pelo desinteresse dos homens brancos e pela deserção de grande parte dos homens negros.

Fabiana Leonel nos fala que “a encruzilhada das várias categorias nas dinâmicas sociais forma uma complexa rede de desigualdade que se perpetua e se reestrutura” (CASTRO. 2010, p. 34). Deste modo, a desigualdade presente na sociedade pela escravidão e pelas teorias que inferiorizavam os negros se perpetuava de tal forma na sociedade, que acabava por naturalizar entre os negros que sua cor se aproxima mais ao que é feio e inferior diante dos olhos da sociedade do que a cor branca, ajudando também a naturalizar episódios de discriminação.

A segunda menção, que diz respeito à questão racial pertence há um trecho de 1887. Nele Maria Firmina disse que “Porfíria recebeu a liberdade a 17 do mesmo mês e ano – 1887.” (REIS *apud* MORAIS FILHO. 1975, s/p). Cabe destacar que este trecho é o único que diz respeito à liberdade concedida a algum escravizado. E o fato do compartilhamento desta notícia no Álbum, evidencia que Porfíria pode ter sido uma pessoa importante na vida de Maria Firmina dos Reis.

Quando se fala sobre diários, escritos autobiográficos e outros, precisamos falar a respeito de silenciamento. Segundo Orlandi (1995) é uma categoria que não estria apenas ligada à coação, mas é também, escolha. Não é “estar em silêncio”, mas “pôr em silêncio”. Toda notícia compartilhada com o leitor é baseada em um desejo, em uma subjetividade. E muito do que não está no texto também nos ajuda a pensar questões relacionadas a vida da pessoa que deixou os registros.

⁸ No dicionário de 1832, encontramos a palavra “albor”, que tem como significado “alvor”. Ao procurar por “alvor” encontramos que significa “alva”, localizando a palavra “alva”, descobrimos que esta, possuía como significado o romper da manhã; porção branca que rodeia os olhos; vestimenta que usa o sacerdote, quando há de celebrar. Ver mais em: PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832.

Um destes exemplos foi um episódio noticiado no Jornal *O Paiz*, em 16 de setembro de 1885. O referido periódico noticiou uma carta, em que seu autor dava uma resposta ao delegado de Guimarães. Em seu texto, o autor afirmou que o delegado o chamou de “mulato”, que para o autor da carta não era motivo de vergonha. Em seguida, narrou o seguinte:

Quando disse que os soldados sob o comando do branco Bruce tinham um comportamento irregular, não o fiz sem causa.
Em noites de Junho e Julho últimos, os cidadãos Olímpio, Florencio e Pedro forão atacados por esses soldados.
D. Maria Firmina dos Reis, professora aposentada e outra senhora que com ella vinha do sitio Capituia, ouviram boas chufas deles. (*O Paiz*. São Luís, nº359. 16 setembro de 1885).

No decorrer da notícia, fica claro que tal violência decorreu por causa da cor da pele. Nas entrelinhas percebemos que muito do comportamento repressivo para com as pessoas se deu pela cor da pele. Deste modo, episódios como o descrito no jornal não se encaixava enquanto excepcionalidade, mas sim como corriqueiro. Tal fato, não foi explicitado no Álbum e, portanto, fica nítido as escolhas na produção do documento, deixando de fora o caso noticiado pelo periódico *O Paiz*. Talvez, o fato de ter poucas menções a respeito da escravidão ou escravizados pode ter relação com uma possível leitura posterior ou publicação por parte de outras pessoas, e estes detalhes poderiam de algum modo não ser correspondido pelo leitor.

Portanto, em meio a sociedade marcada pela escravidão, Maria Firmina dos Reis enfrentou obstáculos e lidou com esta instituição ao longo de sua vida. Entretanto, em seu Álbum, este tema não foi esmiuçado, possuindo apenas trechos sutis a respeito das questões raciais maranhenses do século XIX.

4. Conclusão

Podemos concluir, que a confecção do Álbum, escrito por Maria Firmina dos Reis evidenciou nuances da vida privada da mesma. Seus registros trazem também vislumbres de eventos e pessoas que marcaram sua vida, como Vicente Cabral, Alfredo Rodrigues de Melo e Raimundo Marcos Cordeiro, todos estes, passaram pela vida de Maria Firmina, alguns são amigos e outros casam com amigas delas. Estes exemplos, nos mostram a rede de sociabilidades em que a autora estava inserida.

Outro ponto trazido pelo texto analisado diz respeito aos lugares que a autora frequentava, notando que alguns destes espaços eram luxuosos. Maria Firmina enquanto mulher negra, participava de um privilégio de poder transitar por estes espaços com prestígio e notoriedade, mas não ficou restrita a estes espaços. Seu círculo de convivência era permeado por escravizados e libertos. E, Maria Firmina dos Reis, mesmo que em poucos trechos, decidiu compartilhar estes fatos com o público leitor. E mais ainda, no que diz respeito às questões raciais e a escravidão, suas contribuições aparecem de forma sutil, o que nos permite pensar também nos silenciamentos impostos ao texto.

Outras noções permeiam o Álbum, como a ideia de circulação de seu conteúdo. Pois, o cuidado e a seletividade daquilo que se deseja contar está presente em toda a escrita. Além disso, o Álbum, por mais que pareça um diário, assume características específicas que o tornam detentor de uma ideia de divulgação dos registros de Maria Firmina dos Reis. E, isto fica claro em algumas passagens do texto analisado neste trabalho.

Por fim, o Álbum assume importância no entendimento de fragmentos da vida privada de Maria Firmina dos Reis, poetisa e escritora maranhense. Além de nos mostrar a intencionalidade da mesma em seu posicionamento em relação ao leitor, ou seja, compartilhou traços que ela mesma escolheu compartilhar. Por isso, analisar o Álbum nos ajuda a pensar quem foi Maria Firmina, mulher negra no oitocentos, e o que ela permitiu que o leitor visualizasse de sua vida e sua sociedade.

Referências Bibliográficas:

Fontes:

REIS, Maria Firmina dos. Álbum. In: MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*. São Luís: governo do Estado do Maranhão, 1975.

PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832.

APEM. Autos de justificação de nascimento de Maria Firmina dos Reis. Fundo da Arquidiocese do Maranhão, caixa nº114, documento nº4171, 1847.

O Paíz. São Luís, nº359. 16 setembro de 1885.

Bibliografia:

- CARNEIRO, Sueli. Gênero, democracia e sociedade brasileira. In: BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM, S.G. (orgs.) *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 2002.
- CASTRO, Fabiana Leonel. *Negras, jovens, feministas: sexualidade, imagens e vivências*. 2010. Dissertação de Mestrado em estudos interdisciplinares sobre Mulheres, gênero e feminismo. Faculdade de Filosofia e ciências humanas. Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- COLLINS, Patricia Hill. *Black feminist thought*. New York, Routledge, 2000.
- DINIZ, Leudjane Michelle Viegas. “EU VI”: representações da escravidão no romance *O Mulato*, de Aluísio de Azevedo. In; COSTA, Yuri; GALVES, Marcelo Cheche (orgs.) *O Maranhão Oitocentista*. 2ªed. Revista Ampliada. São Luís: Café & Lápis; Editora UEMA, 2015.
- FRANCO, Maria S. Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Editora Kairós, 4a Edição. 1983 .
- LEJEUNE, P. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LOBO, Luíza. Auto-Retrato de uma pioneira abolicionista . *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro. Ed Francisco Alves, 1993.
- MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmina dos Reis: fragmentos de uma vida*. São Luís: governo do Estado do Maranhão, 1975.
- MOREIRA, Regina L. Os diários pessoais e a (Re) Construção Histórica. *DOSSIÊ DIÁRIO DE VARGAS. Estudos Históricos*. 1996.
- MOREIRA, Sandra Careli Moreira. A maternidade na segunda metade do século XIX: sua idealização na imprensa escrita e suas possibilidades de concretude social. *MÉTIS: história & cultura – v. 2, n. 2, p. 285-306, jul./dez. 2002*.
- NEVES, Leonardo dos santos; PINTO, Helder de Moraes. O diário é uma série de vestígios: Possibilidades de análise de narrativas autobiografias como método de pesquisa para a História da Educação em Minas Gerais. *XVIII Encontro Regional (ANPUH – MG)*. Mariana, 2002.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As Formas do Silêncio*. 3ª ed. Campinas, SP. UNICAMP, 1995.
- PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). Fontes históricas: desafios, propostas e debates. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, 333 p.
- QUIRINO. Gisele Dias. Família e Compadrio: um estudo das relações sociais na Vila de Porto Feliz (São Paulo, Século XIX). *XIV Encontro regional da ANPUH-RIO MEMÓRIA E PATRIMÔNIO*. Rio de Janeiro. 2010.
- SILVA. Fabiana Carneiro da. Maternidade negra em Um defeito de cor: a representação literária como disrupção do nacionalismo. *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, n. 54, p. 245-275, maio/ago. 2018.
- WILLIAMS, R. *O Campo e a Cidade, na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019